

EPISÓDIO 2 - O VELHO DA ESTÁTUA

Transcrição

Os trechos em verde indicam áudios que foram gravados em campo

Gabi: Oi, nós somos Gabi Longo e Lucas Andrade. E esse é o podcast Sinal de Vida, *um podcast que te leva para uma **viagem de campo** e conta sobre as vidas que habitam e **que já habitaram** esse lugar.*

Lucas: Nesse podcast, a gente vai te contar tudo o que aconteceu em uma viagem de campo de 30 dias, na Ilha Anchieta. Tudo isso para encontrar uma espécie ameaçada de extinção, a raia-chita.

Lucas: Esse é o episódio dois da série, por isso a gente recomenda fortemente que você ouça essa série desde o episódio um, pra entender melhor a história de hoje. E também, se puder usar fone de ouvido, a história fica mais *gostosa* de se ouvir.

Gabi: Mais um dia na Ilha Anchieta! Nosso grupo de 6 voluntários do Mergulhando na Conservação, tá cada vez mais unido. A Yoshi adora cozinhar, teve um dia que ela fez um hamburguer de feijão delicia pro jantar.

Lucas: A Arielly e a Lara são viciadas em café, igual eu. E eu resolvi fazer um diário de viagem, e no primeiro dia eu escrevi assim ó:
“Gostei desse grupo, me sinto confortável com elas. Comecei o dia ansioso, e de tarde fiquei ansioso quando chegamos. Mas depois fui melhorando conforme conversava com o povo. Quero me propor a vencer esse desafio de ficar 31 dias sem sentir que estou perdendo meu tempo, mas sentir que eu estou ganhando vida ”

Gabi: Mas acho que é que nem Big Brother, né? Na primeira semana é aquele mil amores... será que depois vem as tretas de convivência? hahaha.

Lucas: Veio, né, spoiler. A gente vai contar aqui? Vamo ver, vamo ver...

Gabi: Num sei, mas por enquanto a gente tá adorando se conhecer, contar nossas histórias de vida, nossos sonhos, nosso fascínio pelo mar. E é o que esse ambiente natural propicia também. A gente tá cercado por mar, floresta e capivaras kkkk.

Lucas: Hm fofinhas!

Gabi: Direto a gente recebe visita de quati, sagui, macaco prego... Tamo longe da cidade, com internet e luz limitada.

Lucas: No segundo dia eu já chorei com a Arielly, fiz a lara dar umas gargalhadas. Teve um dia que eu fui dormir, e como a gente dorme no mesmo quarto, falei assim “boa noite, família!” todas em couro disseram

Iara: Boa noite!

Amanda: Boa noite!

Arielly: Boa noite!

Yoshi: Boa noite!

Gabi: Boa noite!

Lucas: Aí vcs me quebra. Fui dormir sorrindo.

YOSHI: “Experimenta, vê como que ta se ta bom de sal?”

Gabi: Na cozinha coletiva, nosso grupo das raias se juntou pra preparar mais um almoço. E fazer o que a gente faz de melhor quando a gente tá em grupo...
Falar merda...

YOSHI: “Experimentou?”

LUCAS: “Experimentar? Ovo cru? Quer me matar de salmonela?”

YOSHI: “Ah, para de ser fresco!”

GABI: “Ow, eu tenho uma amiga meu pegou salmonela. Sabia? rs”

YOSHI: “Jura!?”

IARA: “Sabia que filhote de tartaruga passa salmonela?”

GABI: “Se você comer ele?!”

IARA: “Não, se você encostar!”

GABI: “Sério?”

IARA: “Aham, o pessoal lá teve, onde eu tava... Nossa, eles ficaram vomitando cagano 3 dias direto”

LUCAS: “Sério?”

IARA: “Só eu que não peguei, com a gloria de jesus”

LUCAS: “Com a gloria de jesus kkkk”

Lucas: Mas não é só de resenha que se faz esse projeto não! No nosso quarto também dormia a Carol, que é a coordenadora do projeto, ela é quieta e bem organizada. Ela ensinou pra gente nossa rotina, que é assim ó: todos os dias (fim de semana incluso) a gente acordava as 6h, tomava café e aí partiu pras praias! Praia das Palmas, Praia do Sul e Praia do Sapateiro. A gente saía em 3 duplas, uma dupla para cada praia. Todos munidos de uma câmera GoPro, sabe, aquelas que da pra gravar embaixo d’água. A gente chegava na praia as 8h30. A gente anotava as condições do mar e céu.

LUCAS: Manhã, mar 1, céu 2 de 8, nenhuma embarcação. Canto esquerdo de Palmas, claro

Lucas: E partiu mergulhar!

Lucas: Aí, a dupla mergulhava ao longo das barreiras de pedras da esquerda e da direita da praia, gravando tudo o que viam no caminho. Tudo isso pra identificar quem são os animais

que vivem naquele costão. E, principalmente, gravar a nossa raia-chita, caso ela passasse ali né.

LUCAS: Gravando. Ta eu e Amandinha!

AMANDA: Ola!

LUCAS: A gente acabou de voltar aqui da Praia do Sul e tivemos uma surpresinha! O que que é?

AMANDA: Um cardume de **peixe espada** do lado direito e do lado esquerdo uma tartaruguinha deu um oi pra gente!

LUCAS: Tartaruguinha não mano, tartarugona! Primeiro a gente viu esse cardume de peixe espada... Devia ter o que, mais de 100?

AMANDA: Provavelmente! Eu fiquei curiosa no começo, uma coisa brilhando na vertical, e ai a gente foi um pouquinho mais próximo pra ver. A gente achou bonito, mas também deu um pouquinho de medo porque eles tavam intimidadores

Lucas: Eu falei, não vou dar uma margulhada né a gente faz isso de snorkel, prende a respiração e desce...mas eu não fiz isso, que eu fiquei com medo...

Amanda: os dentes dele!

LUCAS: É então! Eu já vi espada de perto e elas tem uns dentão! E é isso foi lindo. Mas...

AMANDA: Nada da raia-chita.

Lucas: Nada da raia-chita

Gabi: Além de gravar com a gopro, tinha um outro método, que a gente colocava uma isca com comida pros peixes e deixava com uma câmera lá no fundo do mar, parada, gravando os peixes que paravam pra comer. É bem menos emocionante, só vinham outros tipos de peixes porque não tinha um mergulhador ali do lado espantando todo mundo.

Gabi: A gente se revezava nessas tarefas de mergulho, mas também nas tarefas de manutenção da casa. Tinha uma planilha com quem ia fazer o almoço, quem ia varrer o alojamento, quem ia dar aquele tapa na cozinha, outro pra lavar a louça, um pra lavar os banheiros e assim por diante

Lucas: De tarde, a gente também trabalhava. Mas aí é já tipo home office. Só que assim, nossa janela dava pro mar. "Meu escritório é na praia" fi, eu lá vim de São Paulo pra ficar trabalhando numa Ilha enfurnado em 4 paredes, né. kkkk Respeita Se for assim eu volto pra casa!

Gabi: A gente pegava um cafezinho, um notebook e descarregava os vídeos que a gente tinha gravado de manhã. E aí meu filho, passava a tarde toda olhando pra esses vídeos, e preenchendo uma tabela com todos... todos os animais que davam pra ver no vídeo. Passou um tartaruga? Anota. Passou dois peixes da espécie do Sargentinhos, que é aquele listrado de amarelo e preto? Anota! Passou 56 Corcorocas de Boca-larga? Anota! Sério, nesse nível de detalhe.

Lucas: E mano a gente se divertia, porque precisava saber os nomes científicos dos animais também. Tipo, esse Sargentinho, o nome científico dele é "Abudef... Abudefedefudfu saxiatilis" kkkkk

Gabi: ABUDEFDEUFDF kkkk

Lucas: Porra quem deu esse nome mano? O que a pessoa tava em mente quando botou esse nome?

Gabi: E era de lei, qualquer sargentinho que aparecia, os seis: abudedefdufdefdufdef...

Lucas: Mas, no fim desse processo a gente ficou como? ... Treinadinho! Fino! A gente aprendeu vários nomes de peixe.

Gabi: E de noite a gente ia jantar e ficava jogando jogando ou fazia alguma brincadeira de palavras. Ou simplesmente ia pro pier falar mais groselha.

Lucas: Tamo no pier. Aqui o pier é tipo a praça pública da ilha. A galera vem aqui pra socializar... vocês vão ver que...

Yoshi: Faltou só um maço de cigarro!

Lucas: Uma cachaça!! kkkkkk Uma maço de cigarro é foda kkkkkk Ow eu acho que a Yoshi as vezes incorpora uma véia dentro dela. kkkk Uma veia do RH. "Ah, só falta um maço de cigarro e um café preto" kkkkkk

Lucas: Não, e detalhe: a Yoshi nem fuma kkkkkk

Lucas: Carai Yoshi, você é incrível! Queria saber como funciona sua mente hahahah

Lucas: E no sexto dia, chegou uma outra turma pra habitar aquela ilha com a gente. 10 pessoas voluntárias, mas não era do nosso grupo era para outro projeto... era um projeto de monitoramento de borboletas. É, borboletas, pois é!

Eles iam ficar em outro alojamento, em uma casinha escondida na beira da rua da orla, uma casinha que a gente... carinhosamente a gente chamava de "Casa do Jubileu".

Gabi: Fala quem que é o Jubileu

Lucas: Quem era Jubileu? Um rato que morava no assoalho da casa. É sério kkkkk Mas a gente ia dividir a cozinha com eles, né a cozinha do Jubileu no caso. Agora a população da ilha mais que dobrou, tinha passado de 7 para 17!

Gabi: Mais um dia e nada... Todo dia a gente acorda cedo, mergulha, grava, mas não encontra essa disgrama dessa raia. Teve um dos dias que eu até levei uma picada de escorpião! Mas.. ficou tudo bem

Lucas: É, de boa né, tipo picada de escorpião suave, tranquilo

Gabi: Doeu, mas... eu não morri

Lucas: Mano! Enfim... é bom que todo mundo sabe que se você tomar uma picada de escorpião você não vai morrer

Gabi: A não ser que você seja uma criança ou um cachorro de menos de não sei quantos quilos kkk

Lucas: Mas foi um dia que todo mundo ficou em choque mas ficou tudo bem, você foi pro hospital e foi isso né, só doeu bastante

Gabi: É... Mas acho que era mais um sinal de que as coisas não tavam dando muito certo... Mas já era de se esperar, já faz dois meses que a galera ta buscando essa raia, e ninguém consegue ver ela! Talvez a gente não tivesse que ter vindo mesmo, tipo o que que eu tava achando? Que só da gente chegar lá as raias iam dar um show? Bom, tem que manter a esperança que sim né, vai que. Quando a gente ta em campo, tudo pode acontecer... inclusive nada

Lucas: Inclusive nada kkkkk

Gabi: Mas a real é que no fim, não tinha muito problema se a gente não visse a raia. Pra ciência, não ver ela já é um dado. E pra mim, a raia era mais uma desculpa, porque apesar de cansativa, eu acho a rotina de trabalho de campo uma delícia, dá aquele cansaço gostoso. A gente acorda cedo, anda, ou nada pra caramba, sempre no meio da natureza, os biólogos piram. As coisas saem de dentro das suas caixinhas, e você começa a enxergar todas elas como uma só - por exemplo, quando a gente ta estudando biologia lá em São Paulo, o mar ta dentro de uma caixinha: da Biologia Marinha. E, sei lá, a **lua** ta em outra caixinha, que nem é da biologia, tá na astronomia. A terra e as rochas, estão em outra caixinha: a da Geologia. Só que lá na ilha, o mar, a lua e a terra tão todos juntos. As marés mudam com as fases da lua, os peixes mudam seu comportamento. Não dá pra pensar no mar sem pensar na lua. E não dá pra pensar no mar, sem a interação dele com a terra... E isso me dá um sentimento muito bom, um sentimento de que eu também faço parte desse todo, dessa mistura doida, que tudo ta conectado. Eu queria muito sentir isso de novo.

Lucas: Só que esse não é o único sentimento que a Ilha provoca na gente.! A ilha é cheia de histórias sinistras, que apesar de estarem escondidas, não desapareceram... elas estão todas lá:

Lucas: Do lado da administração, na frente do pier, tem um gramadão, com alguns banquinhos, e ao lado, tem uma capela. Super antiga. Cheia de umas estátuas pequena de santos, meio desbotada. É tipo aquelas igrejas de que lembra filme de terror, tá ligado? Do outro lado da administração, tem umas ruínas: uma construção que o teto já caiu faz tempo, só tem as paredes com tijolo a vista, meio quebrado, rachado. E no meio dessas paredes, tem uma estátua, de tamanho real, de um senhor, cabeçudo, com uma bata, segurando um bebê indígena no colo. Os borrifos de sal do mar corroeram levemente a estátua. Parece, sei lá, que a ilha quis destruir ele um pouco. Eu achei meio sinistro isso... **Quem é esse cara da estátua?**

Gabi: Episódio de hoje: O velho da estátua

Lucas: É realmente sinistro. Pra vocês terem uma ideia, nessa ilha.... existem **aparições** que várias pessoas relataram terem visto ou ouvido

Lucas Citele: É, muita gente já viu assim, já tive algumas interações, né, jde ver vultos, ouvir, ver de falo...

Lucas: Essa voz é do Lucas Citele, coordenador do nosso projeto, o Mergulhando na Conservação. Ele já ficou muito tempo praticamente sozinho na Ilha! Só ele e os seguranças, que ficavam fora fazendo ronda. Então ele já viu umas coisas bizarras. Ele já disse que mais de uma vez, na entrada da administração, ele ouvia...

Lucas Citele: *Muitas pessoas relatam a questão do **falatório ali dentro da administração, a noite quando tá fechado**. Parece uma feira dentro da administração ali né, dentro daquele prédio ali do centro de visitantes, parece uma feira assim você não consegue distinguir o que está sendo falado, mas é aquele falatório, um monte de gente falando ao mesmo tempo, sabe?*

Lucas: *Inclusive ele já viu uma pessoa ali! Será que o espírito do velho cabeçudo assombra aquele lugar? Será que ele é responsável por essa vibe erradassa?*

Gabi: *Assim, eu, sinceramente eu não sinto nada. Mas eu sei que cada pessoa tem um entendimento, e a sua maneira de enxergar o mundo.*

Lucas: *Sim! É cultural pa caramba! Tipo assim, eu sou super cético hoje, mas eu cresci numa família espírita, é um sentimento que ta na minha mente desde infância, tá ligado? Então é um medo que eu carrego até hoje*

Gabi: *Sim, mas é só a gente respeitar e não ser jovem místico. E entender que isso são relatos de uma ou outra pessoa. Tem gente que nunca viu. Tipo o Val, o segurança, ele trabalha aqui há 17 anos e nunca viu nada.*

Lucas: *É, e também o fato dela ter uma arquitetura antiga, sabe, pouca luz de noite, essas coisa...*

Gabi: *É... Espírito a gente não pode afirmar que existe, mas o que existe mesmo é a **imaginação humana**. E essa ilha em muitos sentidos também é um produto dessa imaginação. Do que cada pessoa que passou por aqui foi capaz de imaginar sobre ela.*

Lucas: *Aí a gente percebeu que pra seguir contando sobre essa nossa viagem pra vocês, e descobrir quem é o velho cabeçudo, a gente precisa contar a história de quem imaginou essa ilha de uma forma diferente. A história das pessoas que nem sequer chamavam essa ilha de Ilha Anchieta.*

Gabi: *Essa história vai ser importante porque a gente tava sentindo falta de muitas informações na nossa busca da raia-chita. A gente tem as informações científicas sobre ela. Mas o que a gente vai perceber... é que isso não é o suficiente. A gente percebeu que é preciso entrar um pouco mais na história daquela ilha*

Lucas: *Então a gente te convida pra voltar um pouquinho pro passado. Antes dos portugueses invadirem essas terras aqui, a ilha já era habitada pelos indígenas. Na verdade todo o litoral de Ubatuba era habitado por eles. Aqui, tinham indígenas tupinambá, e algumas outras etnias. Não dá pra saber com certeza, porque o território deles era muito*

fluido, sempre com muitas caminhadas e migrações. Mas com certeza eles tava aqui na ilha antes dos portugueses.

E talvez pra eles, a ilha representasse coisas diferentes. Pra entender melhor isso, a gente conversou com três pessoas.

Gabi: Primeiro, a gente falou com o Felipe Milanez, ele é professor da Federal da Bahia e ecologista político. Ele pesquisa e discute o pensamento indígena. E ele disse pra gente que a primeira coisa que a gente precisa entender é como os tupinambá têm uma paixão em comum com a gente, do projeto: eles amam o mar.

Felipe Milanez: Os relatos do uso de canoa eram extraordinários, primeiro que era muita canoa

Gabi: O nome da cidade onde fica a ilha não se chama Ubatuba por acaso. Muitos dizem que “Uba” vem do tupi quer dizer “canoas” e que o “tuba” quer dizer “muitos”. Ou seja: Muitas canoas!

Felipe: **Muita** canoa. Não era dois, três caras que faziam canoagem, era muita canoa. Quando tinha guerra eram **muitas** canoas. Cada canoa, dezenas de pessoas, em pé... e ao mesmo tempo eles não deviam ter nenhum medo de água, nadavam muito bem, mergulhavam super fundo. Os europeus quando chegaram, eles não sabiam o que era tomar banho. Não é que eles tomavam um dois pro batismo, não. Não sabia o que era **molhar o corpo**. Imagina, os tupinambá tomavam banho o dia inteiro.

Gabi: A gente tá falando isso porque isso ajuda a entender como os tupinambás não enxergavam o mar como uma barreira!

Felipe: Mas, assim, esses locais também são imaginados né. Então a gente pode fazer um bom exercício de pensamento pra entender o que significa uma ilha hoje e o que era uma ilha antes. O pensamento europeu ele é cheio de separações. Dicotomias, binarismo, bom e mau, homem e mulher, água e terra, não são necessariamente coisas separadas, água e terra. Onde que começa a água, onde é que termina a terra... num lugar de maré. Na várzea da Amazônia que o rio sobe 15 metros. O ambiente não é uma linha desenhada assim. Então os ambientes, eles são no pensamento indígena, muito mais fluído. Como quando a gente ta na beira da praia de Ubatuba, e olha pra aquele lugar distante **difícil** de ser acessível. Vai ser uma aventura ir lá! A Ilha devia ser algo ... Ir pra ilha, subir pra montanha... “vai ali!”. A circulação era muito mais fluida.

Então eu já imagino que uma ilha devia ser uma parte integral do território. **Então uma ilha não é uma ilha**. Uma ilha não é algo isolado, cercado por um ambiente hostil de mar. **Isso aí é a pobreza do pensamento Europeu**.

Lucas: Na moral isso fez minha mente explodir mano!

Então, o conceito de “ilha” pra eles era fluido! Dizem que a Ilha já se chamou pó-quâ, e dizem que isso significa “pontuda”. Quase como se tipo eles chamassem de montanha, não ilha. Mano, isso faz todo sentido! Provavelmente o conceito de **ilha** veio junto com a invasão dos europeus. Junto em suas caravelas, os Portugueses também traziam toda sua **pobreza de pensamento**, como disse o Felipe. Aos poucos a ilha ia se tornando ilha. E aos poucos o Brasil ia se tornando Brasil.

Agora a gente tá mais próximo de entender, quem é o velho cabeçudo da estátua. Por que essas idas e vindas de povos no território, que eu disse quase agora, fizeram os indígenas daqui serem receptivos... inclusive com os portugueses. Os primeiros portugueses a chegarem nessas terras foram recebidos amistosamente pelos indígenas. Mas os portugueses queriam **botar cerca** nesse local. E também nas pessoas.

Cristiano Kiririndju: O povo indígena, devido a resistência dele foi chamado de preguiçoso né. Até hoje é chamado de preguiçoso, porque não aceitou a escravidão né

Gabi: Esse é o cacique Cristiano Kiririndju, descendente de tupinambás, e que mora na Aldeia Renascer, em Ubatuba e faz parte da coordenadoria para os povos indígenas do Estado de São Paulo.

Cristiano: Não aceitou virar escravo. Que na verdade, não é a questão de não gostar de trabalhar, é a questão de não aceitar a escravidão né que os portugueses queriam impor pra população indígena.

Lucas: A gente volta já com essa história, porque antes, a gente quer passar um recado rapidinho:

Leonardo Aquino: Alô ouvintes do Sinal de Vida, meu nome é Leonardo Aquino, eu sou jornalista e produzi o podcast Torpor com o apoio do Instituto Serrapilheira. Eu trabalhei ao lado da minha esposa, Janaína Versine dos Anjos, que é professora do departamento de química da UFPE numa pesquisa sobre opióides. A gente partiu da crise de opióides da América do Norte, as overdoses em massa que tem matado centenas de milhares de cidadãos americanos, pra tentar entender o que a ciência tem a dizer sobre esse fenômeno, e o que o Brasil tem a ver com ele. Será que a gente tem chance de ver algo parecido chegar por aqui? A gente pesquisou durante nove meses notícias e documentos, mapeou a produção científica sobre o assunto, entrevistou dezenas de pessoas, cientistas, pesquisadores, médicos, e pessoas que tiveram a vida impactada pelos opióides de alguma forma. E a gente vai contar uma história que diz muito também sobre a nossa relação com a dor. E o resultado tá em cinco episódios que a gente tem colocado quinzenalmente nas plataformas de áudio. Torpor é um podcast produzido pela Apneia conteúdo, com o apoio do Instituto Serrapilheira. Obrigado pelo espaço, e eu espero que vocês escutem! Um abraço!

Lucas: O Sinal de Vida é um podcast do Alô, Ciência?, com o apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica no Brasil.

Gabi: Assim que os portugueses começaram a invadir as aldeias para capturar indígenas para serem escravizados, matando mulheres e crianças... a história mudou! Os indígenas perceberam que precisavam se unir para reagir! Nessa região de Ubatuba e arredores, não existia uma grande liderança, eram várias aldeias que compartilhavam autoridades. Então, em 1554, essas lideranças se uniram, com nomes como Cunhambebe, Coaquira, Pindobuçu, Guaixará, Aimberê e Arará. Essa aliança, se chama **Confederação dos Tamoios**, que ficou conhecida como uma das maiores resistências indígenas organizadas contra a colonização portuguesa. Tamoios significa "os mais antigos donos da terra, os primeiros originários".

Lucas: Então a gente falou Cunhambebe, Coaquira, Pindobuçu, Guaixará, Aimberê e Ararai...

Gabi: É.

Lucas: Todos esses eram lideranças da época... Então, a gente logo achou que a estátua do velho cabeçudo, é algum desses tamoios, certo?

Gabi: Deveria, né?

Lucas: Mas não. Calma, que a gente tá chegando lá!

Lucas: Nesse cenário de guerra, a gente quis saber como os tupinambás reagiram aos ataques.

Pra isso a gente conversou também com o Casé Angatu.

Casé Angatu: A nossa guerra é guerra de resistência

Lucas: O Casé é indígena da terra tupinambá de Olivença, na Bahia. Doutor em História e Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz e da Federal do Sul da Bahia.

Casé: Os portugueses nunca fizeram guerra contra nós, o que eles fizeram foram massacres contínuos. Então qual que é o tipo de resistência? É a resistência pela fustigação. Você evita o enfrentamento e foge pra mata, e depois volta. Foge pra mata, e depois volta. Se você fizer um enfrentamento direto você morre. Por isso que não é guerra né. Pra nós, é guerra de resistência. Pra eles é massacre.

Gabi: Mas os indígenas também ganharam muitas batalhas contra os portugueses. Tanto, que os portugueses percebem que precisavam pedir uma trégua para continuar a colonização. Então, uma figura que circulava entre os indígenas resolveu mediar um tratado de Paz.

Lucas: Agora sim!

Gabi: É o velho cabeçudo!

Lucas: É o velho cabeçudo!

Gabi: Ah, finalmente!

Lucas: A estátua que tá do lado da Administração da Ilha, é a do Padre José de Anchieta. Ele se reuniu com os indígenas e juntos fizeram o ... peraí, vamo lá, sobe a música bonita Tratado de Iperoig, de 1563. Iperoig era o antigo nome de Ubatuba, só pra vocês saberem. Vamo lá. Conhecido nos livros de História como A Paz de Iperoig, onde os indígenas prometiam que não atacariam mais os portugueses, e os portugueses não atacariam mais os indígenas, nem escravizariam mais eles. Legal ele né?

Gabi: Legal... mas não foi isso que aconteceu.

Casé: E no dia 14 de setembro, de 1573, que é um feriado em Ubatuba, há a Paz de Iperó, ou Iperoig, é um tratado de Paz. Segundo a própria prefeitura de Ubatuba... Eu to dando risada porque é muita cara de pau. É um feriado pra lembrar a resistência indígena. Só que essa Paz foi uam das maiores traições desse país, não houve paz.

Gabi: Essas três pessoas que a gente entrevistou, concordam que não foi Paz de Iperoig, mas foi Traição de Iperoig.

Casé: Os tupinambás aceitaram o tratado. Nós não vamos atacar mais vocês portugueses. Mas também não venham querer nos catequizar. Não venham querer nos mudar. Dizem que demorou um ano e depois de um ano, de novo a escravidão. E com a escravidão, o estupro, a violência, a morte. Aquilo que nos chamamos de genocídio né. É o sistemático genocídio.

Lucas: Conversando com o Casé e com os outros também, eu entendi que realmente, o padre Anchieta, o padre que deu nome a essa Ilha e que hoje é uma estátua segurando uma criança indígena na mão, ele não era lá flor que se cheire. Inclusive existe um poema que o Anchieta fez em homenagem ao Mem de Sá, que foi um governador da Bahia conhecido por ter assassinado dezenas de indígenas ao fio da navalha.

Mas apesar de tanto massacre, a cultura indígena não está completamente perdida ali. As aldeias ainda existem e resistem na região também, só que mais afastadas do mar.

Casé: Nós não fomos dizimados. Nós fomos massacrados, quer dizer que nós não desaparecemos. Nós também resistimos. Tem uma música que a gente canta aqui. Que é assim “tupinambá subiu a serra todo coberto de pena. Ele foi. Ele é. É o rei da Jurema. Então a gente subiu a serra pra fugir da perseguição e foi pro sertão adentro. Aí quando a gente adquiriu a força. “Tupinambá desceu a serra todo coberto de pena...” Depois a gente desce a serra de novo, então são práticas de existência e re-existências. E que sabe que interessante? Ubatuba é a cidade com mais indígena entre os municípios do Vale do Paraíba. Segundo os dados do Censo 2022, são 643 pessoas que se autodeclararam indígenas em Ubatuba. Demonstração da resistência e re-existência, né?

Cristiano Kiririndju: A aldeia Renascer ela foi retomada em 1999 pelo meu pai que foi uma das lideranças, é né uma das lideranças assim bem simbólicas aqui do estado de São Paulo. Ele que é da etnia tupi-guarani, nascido na aldeia Bananal que é a aldeia mais antiga do Estado de São Paulo, e aí quando a gente vem fazer essa retomada, a gente sofre um preconceito de "ah, mas eles não tavam aqui né, a gente tava primeiro do que eles, né tipo assim, por não entender que a gente foi expulso daqui há 300 e tantos anos né, a etnia tupinambá. E hoje a gente tem uma oportunidade de fazer essa retomada e estamos aí há 25 anos aqui na aldeia Renascer, com um belo trabalho, né. Uma das aldeias que desenvolve, senão em primeiro lugar aí a questão do agrofloresta, questão do turismo de base comunitária né, guardiões da floresta...

Lucas: Ainda existem muitos indígenas em Ubatuba. E parte da cultura indígena existe na cultura caiçara. Os caiçaras tão intimamente ligados com as águas do mar e com a pesca artesanal não predatória, apesar de terem sido expulsos mais de uma vez na história da Ilha Anchieta e de Ubatuba.

Gabi: Então, pra continuar nossa jornada nessa ilha é importante a gente conhecer como ela era antes de começar a ser aprisionada, saqueada e destruída por quem quis aprisionar não só uma ilha, mas toda uma riqueza de cultura. Nesse sentido, a gente estar na ilha como cientistas é bastante contraditório, a gente sabe! A ciência vem de um pensamento europeu... Um pensamento de cercar, dividir, e categorizar. Transformar tudo em ilha.

Lucas: E a gente precisa fazer esse tipo de crítica pra ciência, porque apesar de ter passado muito tempo, ela ainda tá funcionando da mesma maneira. Eu e a Gabi a gente discutiu bastante isso durante a produção do podcast, sabe? E a gente acabou chegando no consenso de que essas críticas são muito importantes, e contribuições da ciência, também são.

Gabi: Mas a gente precisa saber botar isso na balança e não colocar essa ideia como a única forma de pensar sobre o mundo. Ou seja, fazer com que a ciência converse com outros conhecimentos, e que eles possam se complementar na compreensão e na imaginação do nosso mundo. E além de refletir sobre a ciência, essa história fez a gente dar um novo significado para essa entidade que tava alim bem embaixo dos nossos pés. Talvez nem chamar de Ilha. Muito menos chamar de Ilha **Anchieta**

Lucas: Hoje, ninguém mora na Ilha. Por mais que a gente estivesse numa imersão naquele lugar, ainda faltava conhecimento local pra gente. E ali, que é uma Unidade de Conservação, isso é quase impossível. Quem tinha o **conhecimento** daquele lugar, foi expulso. Então, a gente tinha que tentar, sei lá, de alguma forma, achar pedacinhos desse conhecimento...

Nessa tentativa, o nosso projeto não é feito de maneira isolada. Ilhada. O Mergulhando faz um tipo de ciência que a gente chama de Ciência Cidadã, que busca fazer a ciência sair, sabe, do pedestal da academia. A gente quer tentar fazer com que mais gente faça parte dela. Circular entre ela. Buscar fazer uma ciência onde as pessoas participam mais ativamente na coleta de dados ou de alguma etapa específica da pesquisa.

E esse tipo de abordagem, além de buscar por justiça, traz muitos frutos pra ciência, na obtenção de dados por exemplo. E isso permitiu que a gente desse novos passos, em busca da raia-chita.

Então, por exemplo. Pra poder engajar o público, além da nossa rotina normal, toda sexta, sábado e domingo, a gente levava uma barraca pras praias. E chamava o público para se envolver na nossa investigação. Eles eram cientistas cidadãos.

Lucas: A gente faz parte de um projeto que a gente tá monitorando raia, todo dia a gente tá gravando aqui embaixo d'água, todo dia desde janeiro, pra achar raias, especificamente essa aqui que é a raia-chita, que ela é toda pintadinha

Visitante: É, foi ela mesmo, a de preto

Lucas: Foi essa mesmo?

Visitante: Foi isso

Lucas: Certeza?

Visitante: É a preta, dessa aqui ó

Lucas: Onde mais ou menos vocês viram?

Visitante: Naquela direção ali

Lucas: Beleza, demorou então

Lucas: E conversando com as pessoas, a gente conseguiu ter mais dicas de onde procurar essa raia. Entender quais horários ela passa por ali, além das 8h30, por onde ela passa... Poder entender onde a gente tá errando.

Assim, a gente tava com as esperanças renovadas. A gente sente que tá chegando cada vez mais perto nessa investigação.

Lucas: No próximo episódio a gente vai levar você para fazer uma trilha cheia de segredos e a gente vai captar os primeiros sinais da raia-chita.

Gabi: E desbloquear mais um medo do Lucas.

Lucas: Mais um medo? Mais um?

Gabi: No nosso site, sinaldevidapodcast.com.br, tem conteúdo extra sobre as pesquisas que a gente fez sobre as culturas indígena e caiçara de Ubatuba e outros materiais e links pra você se aprofundar nesse tema.

Lucas: Ah, e um pedido importante! Se você tá gostando do Sinal de Vida, não esquece de ir no spotify e se inscrever e avaliar o nosso podcast, com cinco estrelas, claro! Isso ajuda muito a gente a ser ouvido por mais pessoas!

Gabi: E não esquece de seguir a gente nas redes sociais: [@sinaldevidapodcast](https://www.instagram.com/sinaldevidapodcast)

Lucas: Quem fez a Pesquisa, roteiro, produção e narração desse podcast fomos nós, Lucas Andrade e Gabi Longo

Gabi: A edição de Som e arte das vitrines, foi o Lucas Andrade.

Lucas: Esse projeto contou com a mentoria de Natalia Silva.

Gabi: A trilha sonora original e a mixagem foram do Amon Medrado.

Lucas: A identidade visual foi do Breno Ferreira

Gabi: A divulgação e as redes sociais ficaram com a Amanda Guedes

Lucas: O desenvolvimento do site foi feito pelo Estúdio Amar

Gabi: E nesse episódio, a gente tem agradecimentos especiais pro Casé Angatu, pro Cristiano Kiririndju, pro Felipe Milanez, pro Leandro Cruz, pro Santiago Bernardes, pro Ubiratã Gomes e pro André Casas, que ajudaram a gente nas pesquisas.

Lucas: Até o próximo episódio!

Fala até também

Gabi: Ah! Até!